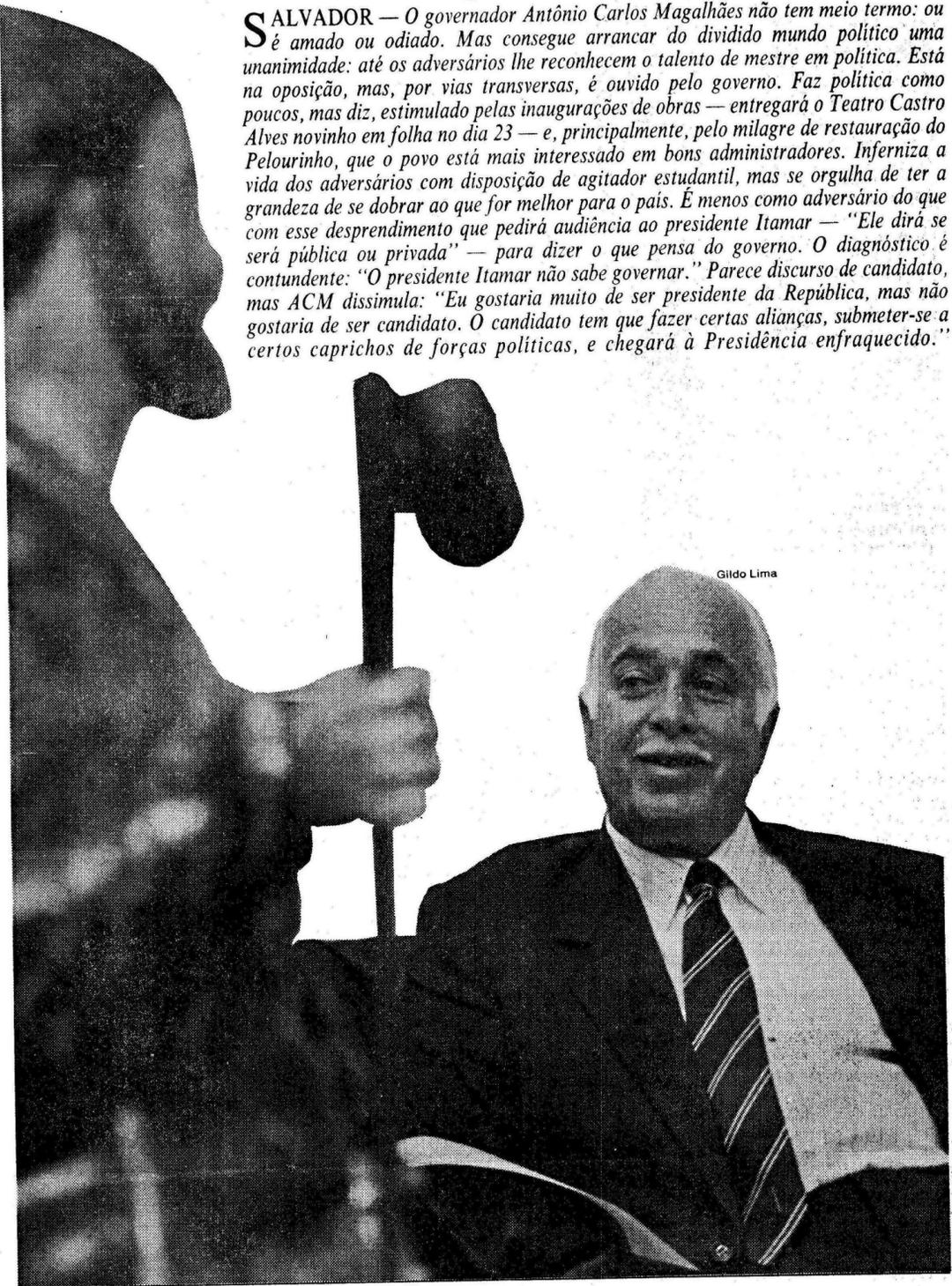


"Itamar não sabe governar"

SALVADOR — O governador Antônio Carlos Magalhães não tem meio termo: ou é amado ou odiado. Mas consegue arrancar do dividido mundo político uma unanimidade: até os adversários lhe reconhecem o talento de mestre em política. Está na oposição, mas, por vias transversas, é ouvido pelo governo. Faz política como poucos, mas diz, estimulado pelas inaugurações de obras — entregará o Teatro Castro Alves novinho em folha no dia 23 — e, principalmente, pelo milagre de restauração do Pelourinho, que o povo está mais interessado em bons administradores. Inferniza a vida dos adversários com disposição de agitador estudantil, mas se orgulha de ter a grandeza de se dobrar ao que for melhor para o país. É menos como adversário do que com esse despreendimento que pedirá audiência ao presidente Itamar — "Ele dirá se será pública ou privada" — para dizer o que pensa do governo. O diagnóstico é contundente: "O presidente Itamar não sabe governar." Parece discurso de candidato, mas ACM dissimula: "Eu gostaria muito de ser presidente da República, mas não gostaria de ser candidato. O candidato tem que fazer certas alianças, submeter-se a certos caprichos de forças políticas, e chegará à Presidência enfraquecido."



Glildo Lima

MARCELO PONTES
E MARCIA GOMES

— O ministro Eliseu Resende saiu fortalecido da crise?

— Não. Acho que o ministro da Fazenda sobreviveu. Esse processo todo só existiu porque faltou a palavra do presidente na hora certa. O presidente deixou que o processo crescesse e deu a palavra só na hora final. Chegou a dar a palavra antes da ida do ministro ao Senado. Se não desse antes disso, Eliseu não teria êxito no Senado e provavelmente a crise ainda estaria se desdobrando com consequências muito funestas, porque também hoje é difícil saber quem aceitará o lugar de Eliseu, com a responsabilidade de gerir as finanças públicas e sem a autoridade que o presidente da República dá para agir. Ficou provado nesse episódio que os ministros do presidente Itamar não têm a sua confiança absoluta. E a pior coisa do mundo é um presidente governar com ministros que não têm a sua confiança, porque evidentemente ficam todos de sobressano para uma demissão e não podem trabalhar como o país necessita.

— O senhor quer dizer que a crise não é do ministro Eliseu, mas, sim, do presidente?

— A crise é a maneira de governar do presidente. Eu quero ser benévolo com o presidente. Tenho procurado ser. Gostaria de ser. Agora, não posso negar que a indecisão do presidente em se definir sobre o ministro que ele pessoalmente escolheu, ou apoiando ou lhe negando apoio, confirmando ou demitindo, levou o país a sobressalto durante mais de uma semana, o que também abala o crédito internacional do ministro. O ministro acabou de regressar de uma viagem aos Estados Unidos, onde representou o governo Itamar, e contra ele são arroladas denúncias no próprio governo. Se ele merece a confiança do governo, o governo diz que o ministro merece a nossa confiança e vai explicar o que houve. Ou, se não merece a confiança, o presidente demite e põe um que venha a merecer a confiança. Agora, essa coisa de ter quatro, cinco ministros da Fazenda, evidentemente não está certa. Quando acontece isso, a culpa não é do ministro escolhido. A culpa é do presidente que não soube escolher. Não soube escolher o primeiro. Não soube escolher o segundo. Não soube escolher o terceiro. Quem é o culpado? Se isso acontecer na minha administração, o culpado serei eu. Portanto, o culpado neste caso é o presidente. Agora, falo desse episódio porque acho que o ministro Eliseu saiu arranhado e ninguém ganha, na hora da recuperação das finanças públicas, com o ministro da Fazenda arranhado. Se o ministro tem autoridade, ele pode viajar com o diretor de uma empresa privada. O que ele não pode é mentir. "Viajei com o diretor, é meu amigo, esteve comigo, conversamos vários assuntos e não aconteceu nada. Paguei as minhas contas e mereço crédito. Se não mereço crédito, que me demitam." Agora, a palavra do ministro ser posta em dúvida pelo próprio governo? O presidente da República levar oito dias examinando documentos para saber se o seu ministro presta ou não presta? Isso só no Brasil.

— O senhor acha que o ministro também agiu errado ao se submeter à hesitação do presidente?

— No primeiro dia, o ministro deveria ter dito ao presidente: "Ou o senhor me dá uma prova de apoio ou eu me retiro." E nesse sentido, eu fiz chegar ao próprio ministro a minha opinião de que achava que, no final da semana passada, para o bem do Brasil, ou ele teria uma prova de apoio ou deveria sair. O país não poderia ficar sob o critério da indecisão do governo.

— O apoio que o ministro teve dos empresários foi importante para mantê-lo no governo?

— Acho irrelevante. Apoio dos empresários ou dos políticos acho irrelevante. No regime presidencial, o responsável é o presidente. Empresário dá apoio a qualquer ministro. Almoço e jantar de empresário não me impressionam. Nenhum ministro deixou de ter esse tipo de homenagem. Não é por aí que o Eliseu ficará ou não fortalecido. Tem que ficar pela sua competência e pela sua honrabilidade. Tem que ficar pela sua atuação perante os senadores e os deputados, sobretudo pelo que ele vai demonstrar de êxito no combate à inflação, e não pela palavra de apoio dos políticos e dos empresários. O regime é presidencial. O senhor Itamar está com uma série de ministros que não prestam e são incapazes. Ele é responsável pelos erros desses ministros.

— O país agüenta mais 20 meses com esse estilo?

— O país tem que agüentar, porque a ruptura do regime democrático é pior. Entretanto, temo é que no futuro possam acontecer coisas desagradáveis à medida que a classe política se mostre incompetente, como tem se mostrando, para gerir crises como essa. Afinal de contas, a classe política colocou Collor. O povo o elegeu. Itamar é o legal substituto. Os problemas estão se multiplicando. O povo não elegeu Itamar. O povo elegeu Collor. Eu vinha falando isso há muito tempo, e sempre as minhas palavras eram distorcidas. Eu dizia que ele tinha a legalidade, mas não a legitimidade. Então, as pesquisas vinham muito boas para o Itamar. Eu pedia tempo porque as pesquisas viriam ruins. Quero que venham boas. Quero que o Itamar acerte. Estou pronto para contribuir. Agora, não posso ficar mudo porque não sou cego. E quem vê os erros não pode ficar mudo, vendo o país caminhando para o erro e para o caos.

— Então, o senhor é favorável a uma reforma ministerial imediata?

— Eu não sei se ele deve fazer ou não deve, porque o problema é dele. Quem chegou ao poder como ele, deveria ter tido a competência de ouvir quem sabe, se ele não sabia, e reunir os melhores homens do Brasil para formar o seu ministério. Aquilo que Delfim disse e José Serra repetiu recentemente — o Brasil precisa de 12 Jatenes, de 15 Jatenes, oito Jatenes. Mas na realidade não é isso que está ocorrendo. Ele chegou sem compromisso com ninguém. Chegou em função de uma

decisão do Senado, com apoio do Supremo Tribunal Federal com a sessão do impeachment presidida pelo senhor Sidney Sanches e da opinião pública, levada pela mídia na sua quase totalidade. Quem chegou assim, não precisa ouvir ninguém. Se ele tivesse um ministério competente, teria o apoio dos congressistas. Agora, querer fazer ponte com os congressistas agradando a cinco ou a seis, ou então fazendo compadrio com senadores que foram seus colegas, o país não agüenta.

— Não será, então, a reforma ministerial que dará base de apoio ao presidente?

— Se fizer uma reforma ministerial com ministros com o nível de Adib Jatene, terá essa base. São ministros que só aceitam independência no trabalho. Agora, imagina se o Jatene fosse aos Estados Unidos e na volta fosse contestado sobre a sua moralidade. O que aconteceria?

— Juiz de Fora é melhor do que Maceió?

— Vejo o Brasil na sua inteireza. Conseqüentemente, acho que em Juiz de Fora tem pessoas boas, que em Maceió tem pessoas boas, como Salvador e todas as cidades do Brasil têm pessoas boas e ruins. No regime presidencial, o presidente não pode escolher os piores. Ele tem o dever de escolher os melhores. Nós todos somos juizes dessas escolhas, e cabe ao presidente ter humildade para fazer isso. Ele é humilde em determinados momentos, mas em outros não. Em outros ele passa simplicidade e até arrogância. Tive recente encontro com o presidente e fiquei encantado com a maneira humilde e serena com que fui tratado. Mas é preciso dar seqüências às coisas que ele conversa.

— O senhor acha que o presidente hoje é refém de um grupo restrito de amigos?

— Em primeiro lugar, ele é refém do temperamento dele. Em segundo, ele poderia ter aberto um leque maior de pessoas que não fossem tão amigas, mas com as quais pudesse conversar com franqueza. Isso é um defeito de todos os presidentes. Mas com Itamar é pior. Seus auxiliares temem as reações espontâneas do presidente e só falam dele por trás.

— Com esse quadro, o que vai acontecer com o país?

— Vamos ficar com inflação alta, com desemprego e com o presidente querendo baixar a inflação, querendo diminuir o desemprego, querendo diminuir a taxa de juros e não conseguindo. Ou ele se compenetra de que tem que conversar com quem sabe, ou não vai saber conversar.

— O senhor está propondo um pacto de governabilidade para ajudar o presidente?

— Não. Ele é o responsável pelo governo. Se ele entende que as pessoas de confiança dele são determinados políticos, determinados governadores, que se entenda com eles e divida a sua responsabilidade. Agora, que faça alguma coisa que o povo note que mudou. Mas vânditas, coisas pessoais, como querem fazer alguns ministros dele que não se respeitam, nada disso

interessa ao Brasil. O que interessa ao Brasil é trabalho sério, trabalho competente.

— A sucessão presidencial começou a se definir?

— Até para ajudar o governo, deveríamos evitar tratar com tanta intensidade a sucessão presidencial. A sucessão vai aflorar à medida que o governo não se fortalece. É uma seqüência. Se nós fortalecêssemos o governo e a inflação caísse um pouco, a sucessão presidencial cairia também de intensidade. Mas na situação atual, a sucessão começa a ser uma esperança. Essa esperança não vai sair do tablado, da mídia e das especulações durante os próximos meses, o que vai de certo modo também atrapalhar o trabalho do governo. Se pudessemos conseguir uma trégua para isso seria bom.

— Há nuvens no horizonte?

— Há um ponto que eu acho grave. Faz-se a sucessão, faz-se a eleição presidencial. E se vier uma decepção com o novo eleito? Ai, o povo vai apelar para quem? Digamos que o povo daqui a três anos esteja com as mesmas agruras que hoje está sofrendo, com os mesmos desestímulos e com a mesma falta de esperança. Para quem vai apelar? Qualquer pessoa que lhe acene será útil. Ai é que surge para mim um perigo. Detesto que queiram me chamar de golpista. Por isso quero chamar a atenção dos políticos para que nos juntemos para evitar isso. E se militares disserem: "Vamos trabalhar para evitar essa inflação. Vamos moralizar a coisa pública. Vamos acabar com o desemprego. Vamos lutar pelos processos políticos, pela justiça social, pela isonomia entre os Três Poderes. Vamos diminuir a pobreza e as desigualdades existentes. Nós vamos trabalhar por isso e não queremos o poder." Ninguém pode ser contra essas teses. Esse movimento vai ou não empolgar a opinião pública? E empolgando o que acontece? Essas são perguntas que deixo para os mais experientes examinarem e encontrarem dentro da democracia, enquanto é tempo, os meios mais corretos para salvar o país.

— O perigo não seria, então, a volta dos militares ao poder, mas um governo tipo Fujimori?

— Eu acredito que sim. Acredito que os militares não queiram o poder, até porque eles têm dado demonstrações excelentes e inequívocas da mais absoluta correção de procedimento, inclusive no caso do impeachment do presidente Collor. Neste caso, o procedimento dos militares foi excelente porque deixou com o Legislativo e com o Judiciário a solução dos problemas. Hoje, entretanto, já se vê aqui e ali um militar falando. Isso não é bom. O militar deve cuidar dos seus afazeres profissionais. Mas também não se pode evitar que eles falem quando ninguém representa esses anseios. Então alguns deles começam a falar. Isso tem que ser evitado. Acho que, para ser evitado, os políticos é que devem encontrar os caminhos para que os militares continuem servindo ao país, como estão servindo agora, nas suas atividades pro-

fissionais. Acho que alertando sobre esse assunto eu estou apenas colaborando porque entendo que o momento é grave.

— Tão pessimista assim, parece que para o senhor não tem governo que dê jeito.

— Eu acho que tem jeito. Passei uma fase mandando fax para o presidente Itamar. Mandei muitos. Estou me reservando para lhe pedir uma audiência, e ele deverá decidir se será pública ou privada. Apenas deverá me avisar antes, para que eu diga a ele o que eu penso do Brasil, o desinteresse que eu tenho por cargos. Eu quero mostrar ao presidente que governar é viável, sim. Quem quer administrar bem, administra. Se é possível administrar bem um estado e um município, também é possível administrar um país. É preciso priorizar o que se deve fazer. Agora, com essa multiplicidade de programas, com esses gastos inúteis, ninguém arruma país, estado ou município. Mas administrador competente, mesmo nesta crise, administra. O povo reconhece quando o administrador trabalha e é competente. O país está sedento por um administrador, por um bom gerente. O país cansou da atividade política por política. O país está querendo alguém que realize, sem fazer a política do "é dando que se recebe", das trocas, e sem fazer a política até mesmo dos partidos. A política tem que ser feita para beneficiar o povo.

— O presidente Itamar ainda tem jeito?

— Tem. Eu não tenho intimidade com o presidente Itamar para dizer que ele tem jeito. Mas até hoje eu não conheci ninguém que não tivesse jeito. Ele é um homem pessoalmente honesto, com vontade de acertar.

— O senhor acha que os tucanos têm uma grande responsabilidade pela situação atual por terem uma fatia considerável do governo?

— Acho que sim. Gostaria de saber se os tucanos concordam com o governo na sua plenitude, como ele está aí. Se eles concordam, Itamar deve colocar mais tucanos no governo.

— Fala-se no nome do deputado Luis Eduardo Magalhães, seu filho, como candidato a vice na chapa de Maluf. Essa aliança é possível?

— O deputado Luis Eduardo tem 38 anos, é líder de um partido, tem vida própria. Nesse ponto, ele não se aconselha comigo. Entretanto, eu não demonstro nenhuma simpatia por isso. Não vai acrescentar nada a ele ser vice. Depois eu não sei se vale a pena ser vice do Maluf.

— O senhor vê chances de José Sarney voltar ao governo?

— Eu não posso dizer que não existe chance. Agora, quem achar que são favas contadas está no mundo da Lua. Quando foi presidente, demonstrou que é um homem conciliador. Isso facilita para as alianças, mas também não dá segurança de vitória. A candidatura dele só surgirá à medida que não existam outras soluções. Se existir outra solução, ele próprio não vai querer ser uma solução. Não é fácil repetir a presidência da República porque é um fardo pesado demais para quem a exerceu. Ele sabe disso.

Apoio a Eliseu
Almoço e jantar de empresário não me impressionam. Não é por aí que o Eliseu ficará ou não fortalecido.

Ministério atual
Itamar está com uma série de ministros que não prestam e são incapazes. Ele é responsável pelos erros.

A sucessão
Se nós fortalecêssemos o governo e a inflação caísse um pouco, a sucessão cairia também de intensidade.

Função de militar
Já se vê aqui e ali um militar falando. Isso não é bom. O militar deve cuidar dos afazeres profissionais.

Anseio geral
O país está sedento por um administrador, por um bom gerente. O país cansou da política por política.

Jeito de Itamar
Não tenho intimidade com o presidente para dizer que ele tem jeito. Mas não conheci quem não tivesse jeito.